

VI Encontro Nacional de Estudos do Consumo
II Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
Vida Sustentável: práticas cotidianas de consumo
12, 13 e 14 de setembro de 2012 - Rio de Janeiro/RJ

Sujeitos Responsáveis: Notas etnográficas sobre o consumo de drogas entre jovens paulistanos de classe média

Eduardo da Silva Garcia¹

Resumo

Este trabalho é uma parte da pesquisa que realizo no mestrado em antropologia social, na qual pretendo descrever e analisar mudanças e continuidades no consumo de substância psicoativas lícitas e ilícitas nas trajetórias de jovens adultos paulistanos de classe média. Mostraremos o modo como por meio do consumo de substâncias ilícitas – em especial maconha, LSD e ecstasy – associado ao consumo de bens e serviços legais – como músicas, filmes, espaços de lazer noturno, roupas, comidas, etc. – é mobilizado por essas pessoas para estilizar suas vidas de modo a demarcar relações sociais e compor suas identidades pessoais (Featherstone, 1995). Nosso material foi obtido por meio de entrevistas em profundidade e da observação participante em eventos em que houve o consumo de maconha e LSD, além de álcool e tabaco. Se, como sabemos, a grande mídia e o poder público se esforçam para denunciar o potencial degradante que tais práticas têm sobre o organismo e para a sociedade, dadas as mazelas do tráfico, argumentamos que meus interlocutores se esforçam para desenvolver ideias opostas. Assim, a hipótese que defendemos é que por meio de suas ações em relação aos psicoativos meus interlocutores se apresentam, sobretudo perante os amigos(as), como pessoas responsáveis, seja com o próprio corpo, seja com a sociedade, seja ainda com o meio ambiente.

Palavras-chave: consumo, psicoativos, corpo.

¹ O autor é atualmente mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (USP). E-mail para contato: edusigarcia@gmail.com.

1 – Introdução

A sociologia do desvio ou “as novas teorias do desvio” foram formuladas no contexto teórico do interacionismo simbólico da Escola de Chicago, além de terem se apropriado também de discussões acerca da inadaptação tal qual fora trabalhado por Ruth Benedict e Margaret Mead na primeira metade do século passado. Essa foi a primeira perspectiva para a apreciação do fenômeno de consumo de substâncias ilícitas nas ciências sociais. O ponto de partida desses estudos é o de que um ato ou um padrão de comportamento é julgado como desviante por quebrar uma regra tida como necessária aos olhos dos indivíduos que compõem a sociedade que a utiliza, o que faz com que o indivíduo que agiu dessa forma seja visto pelos seus pares como *outsider*. A crítica formulada por Howard Becker (1973) busca reverter o modo naturalizado e psicologizante com que o tema era abordado até então. Muitos estudos, diz ele, tomam como pressuposto que existe qualquer coisa de inerentemente desviante na personalidade daquele que quebra uma regra, algo que tornaria inevitável que ele assim o fizesse, do mesmo modo que tomam como dado o caráter eminentemente desviante dos atos que quebram regras. Becker, então, propõe uma metodologia que tome, ao mesmo tempo, o ato que infringe a lei e o esforço social para a formulação e aplicação da lei.

Desse modo, fica claro que condutas desviantes não devem ser explicadas fazendo-se menção às determinações psicológicas das ações individuais², mas sim por sua caracterização a partir de regras sociais e da expectativa, pela maioria, de que tais regras serão sempre acatadas. Dessa forma, a “marca” (*label*) que caracteriza um indivíduo não decorre de um atributo natural dele, mas sim dos significados imputados a suas ações num contexto social específico. Com base em entrevistas, ele argumenta que só se torna um usuário regular de maconha aquele que aprende a ter prazer com o uso. É preciso enfatizar que esse prazer não é uma qualidade química inerente à substância, mas que ele é socialmente construído. Segundo Becker: “Vague impulses and desires [...] are transformed into definite patterns of action through the social interpretation of a physical experience which is in itself ambiguous.” (Idem, p.42).

As novas teorias do desvio promoveram um efervescente debate sobre o consumo de drogas nos EUA e na Inglaterra ao longo da década de 60 e início da década de 70, no

2 Se for possível falar de características psicológicas, elas devem ser vistas como consequências de determinadas condutas e não como causas delas.

entanto não conseguiram se estabelecer como área canônica da sociologia, o que impossibilitou que as ferramentas teóricas para a interpretação do fenômeno se desenvolvessem de modo a acompanhar as transformações pelas quais este passou nas últimas décadas. O problema retorna à pauta da sociologia britânica na década de 90, o que foi influenciado pela emergência da cultura *rave* e das *dancing drugs*, o que foi acompanhado com alarde pela imprensa britânica, a qual anunciava um segundo boom das drogas entre as culturas juvenis (Shiner, 2009).

Esses novos estudos, talvez influenciados pelo fervor das *raves* que se multiplicavam por várias cidades europeias, passaram a defender a hipótese de que o consumo de substâncias psicoativas nas sociedades industriais no final do século XX teria se normalizado, isto é, teria se convertido em um aspecto normal da vida cotidiana – e denunciam, dessa forma, a inadequação do repertório conceitual da teoria do desvio. Na introdução da coletânea *Drugs, Cultures and Controls*, que busca mapear essas novas pesquisas, Nigel South defende que

Drug use may still represent a route to 'unreality' and means to slip away from the constraints of routine, but today, in many more different ways for many more different people, drug use is *actually a part* of the 'paramount' reality of everyday life. (South, 2000, p.4).

Ainda que os teóricos da normalização não mostrem dados estatísticos que comprovem suas hipóteses no contexto britânico, como critica Shiner (2009), acreditamos que são pertinentes os apontamentos que fazem quando pensamos nos efeitos de legitimidade que essas práticas podem adquirir tendo em vista a transmissão, por séries de grande sucesso como *True Blood*, *Six Feet Under*, *Weeds* e *Breaking Bad* de cenas em que personagens aparecem consumindo substâncias ilícitas de forma corriqueira.

Entre essas duas possibilidades – desvio ou normalização – Michel Shiner (2009) defende uma postura de *continuity within change*, tanto no que se refere à aceitação de que o consumo de drogas teria mesmo se espalhado pela sociedade, quanto no que diz respeito ao descarte dos *insights* teórico-metodológicos dos estudos do desvio. É nesse sentido que aqui também não descartamos os avanços de autores como Becker (1973). Entretanto, acompanhando autores mais recentes como Vargas (2001) e Fiore (2007), nos apropriamos de alguns conceitos de Michel Foucault (2010) de modo a situar a discussão no debate mais contemporâneo das ciências sociais e também como maneira de lidar com as mudanças históricas pelas quais a questão da droga passou desde a

formulação da sociologia do desvio. Nossa intenção é apontar sobretudo para o potencial que essas ideias têm no sentido de renovar e consolidar a prática etnográfica sobre o consumo de substâncias psicoativas, em particular, e sobre o consumo de maneira geral.

Além disso, nos apropriamos dos apontamentos teórico-metodológicos de Mike Featherstone (1991, 1995). Nesse sentido, conquanto nos debruçamos sobre práticas ilícitas, enfatizaremos sobretudo o modo como elas concorrem com demais produtos consumido para a elaboração de estilos de vida com os quais meus interlocutores se diferenciam e moldam suas subjetividades.

Argumento nesse artigo que, tendo em vista o modo como se colocam, ou se colocaram ao longo de suas trajetórias, em relação aos psicoativos, meus interlocutores apresentam a noção de responsabilidade como valor e por meio dela se estabelecem como “sujeitos morais” (Foucault, 2010). Mais especificamente, a hipótese com que trabalho é de que por meio dessas práticas a noção de responsabilidade é expressa de três maneiras: 1. pela escolha de experimentar e explorar as várias substâncias disponíveis; 2. pela escolha moderar o estilo de vida, o que nos limites da rede de amigos com que trabalho correspondeu a decisão de consumir com frequência apenas a *cannabis*; e 3. pelo cuidado em manter rígidos rituais de consumo e pelo modo como cuidam dos objetos cotidianamente mobilizados para a manutenção do hábito (*kits* de maconheiros).

2 – Something – Ethnographer. Pontos de responsabilidade.

A maior parte de meus interlocutores começou a consumir substâncias psicoativas quando estava no ensino médio; terem se iniciado nessas práticas aparece em suas narrativas associada a sua entrada em novas redes de amizades, por meio das quais novos **modos de ser** passaram a ser explorados e elaborados. Laura, que hoje tem 29 anos, fala dessa forma do período em que começou a ter contato com essas substâncias:

Eu namorei o mesmo menino o ensino médio inteiro, aos poucos deixei de ter amigos, parei de me relacionar com os meus amigos, na verdade eu deixei de ter vontade própria, eu só ficava com o Pedro, só saía com ele... Foi depois que terminei com ele que comecei a fumar maconha, voltei a viver, conhecer gente nova, e minha cabeça começou a mudar... aí que eu percebi como eu fui tosca, como eu era tosca. Começar a fumar maconha abriu minha cabeça. Nunca mais fui, assim, essas 'mulherzinhas', sabe? Que tão sempre grudadas no namorado, não têm vontade própria.

Os eventos em que se fumava³ maconha naquele período eram marcados pela liberdade de agir de uma maneira que ela caracteriza como “sem noção”, isto é, agir feito “louco”: eles riam tanto e com tanta força que até engasgavam, perdiam o fôlego. A partir desse momento ela passou se produzir como “louca”, a virar “louca”. Uma vez ela e alguns de seus novos amigos montaram um desfile de carnaval numa casa em Maresias onde passavam o fim de semana: tinham samba-enredo, comissão de frente, porta-bandeira e tudo, ela enfatizou. O desfile terminou com os cinco integrantes fazendo “tobogam”: jogaram água e sabão no chão da sala e deslizavam de barriga no corredor delimitado entre a cozinha e a sala, lugar por onde passou a escola de samba.

A primeira vez que Laura comprou maconha aparece em sua narrativa como a consolidação desse processo – de sua identidade como louca. A “paranga” de 250 gramas foi dividida com Éric com quem namorava nesses nesse período (2005). O produto chegou até ela por meio de sua amiga Jaque, a qual, por sua vez, o conseguira por meio de amigos de Campinas. Segundo Laura, esses meninos haviam trazido a *cannabis* da Jamaica, onde haviam passado as férias. Vejamos sua fala:

L – Pra mim, quando penso, eu virei maconheira a partir daí, quando a gente comprou a paranga da Jamaica. Meu, foi muita maconha, era uma pedra desse tamanho, você pira? A gente ficou na maior ansiedade, porque a Jaque [amiga de Campinas] demorou pra repassar, ou foram os caras que enrolaram ela, não sei... mas rolou essa ansiedade, porque a gente sabia que era da boa, a gente já tinha fumado um fino com ela... tipo, a gente combinou em uma semana, mas só chegou na outra e a gente tava pirando.

E – E por que você diz que só depois de ter comprado você acha que virou maconheira?

L – Ah, porque louco de verdade tem a sua própria droga, né? (risos) Quer dizer, eu acho que é quando você tem a sua maconha que você curte mesmo a erva, né? Senão você fuma só com a galera, não tem aquele último do dia, que você fuma antes de dormir pra empacotar, tá ligado?

Laura me contou que essa paranga durou quase seis meses e, nesse período, quase todos os finais de semana Eric e ela encontraram-se com Sérgio e Dan no apartamento em que o primeiro morava com o irmão mais velho em Moema: os quatro tornaram-se “parceiros de beque”, expressão utilizada por ela de maneira jocosa.

Uma das atividades favoritas desse pequeno grupo de amigos era buscar vídeos no *Youtube* que os fizessem das risadas ou, de maneira mais geral, que ajudassem a promover uma “loucura” agradável. A seleção de vídeos que Laura se lembra desse

3 Ouvi de quase todos os meus interlocutores que em sua maioria consome *cannabis* diariamente que as experiências ficam menos intensas depois de alguns anos fumando todos os dias, por isso optei pela utilização do verbo no pretérito imperfeito.

período também remete à falta de “noção”. Como um exemplo citamos uma cena da novela Vale Tudo (1988-9) em que Heleninha Roitman, que na trama tem problema com alcoolismo, discute com a mãe, Odete Roitman, após ter feito um escândalo em um bar devido sua embriaguez. A sequência de falas desconexas da personagem, sua dificuldade de articular respostas coerentes às questões e repreensões que sua mãe lhe faz provocava risos incontroláveis. Heleninha era uma personagem que usualmente aparecia nos eventos que se denomina “loucura”, os quais são instaurados pelo consumo de psicoativos, mas que dependem de outros fatores para se desenrolar de maneira agradável. A busca de vídeos na internet, as risadas que eles provocam, a encenação desses personagens pelos amigos reunidos e atenção dispensada na escolha de uma *playlist*, são elementos que concorrem para a produção de uma boa “loucura”.

Wagner de 31 anos tem um período similar em sua trajetória, mas o seu caso as loucuras de maconha eram sempre “aditivadas” (termo utilizado por ele) com álcool e com “padê”, esse segundo principalmente no período em que ele morou na Rua Peixoto Gomide, que começa na Rua Augusta e cruza a Rua Frei Caneca no quarteirão da boate *Aloca*. Essa casa noturno é um dos lugares preferidos de meus interlocutores, ainda que atualmente eles vão a ela com menor frequência. Em suas palavras:

W – Olha, quando cheguei em São Paulo eu só queria saber de noite... não tinha cabeça. O negócio era assim, se eu tivesse vinte reais, pode ter certeza que dez era pra comprar maconha na Paim, o resto eu comprava uns pães, mortadela e era isso, assim eu ia sobrevivendo [...]. Aí pra bebida, a gente sempre tromba com um amigo, como eu morava bem no meio do fervo, sempre aparece alguém com uma vodca, as vezes um padê, logo a festa estava armada.

E – E como era esse período, vocês se encontravam pra fumar, cheirar, e o que vocês faziam?

W – Ah, era só loucura, né? Ficava cada um continuando as piadas do outro, pro assunto não morrer, pras piadas não acabarem... nada que presta, né? Só loucura mesmo.

Tanto Laura quanto Wagner, pouco tempo depois de terem se tornado consumidores usuais de álcool e de maconha, o que aconteceu paralelamente ao aumento de seus contatos com outros consumidores, experimentaram também outras substâncias ilícitas – ecstasy, LSD e cocaína, com relação a essa última, no entanto, ambos me disseram ter lembranças ruins; embora considerem ser uma substância prazerosa, sobretudo pela energia e pela autoconfiança que ela proporciona, os dois dizem ter tido experiências desagradáveis com esse psicoativo, além de já terem visto pessoas em situações degradantes por causa do uso que faziam do “pó”. Entre meus interlocutores, essa

substância está ligada sobretudo ao ambiente de baladas noturnas – a boate *Aloca* em especial. Vejamos também o exemplo de Vitor, que hoje tem 29 anos:

V – A primeira vez que vim pr'*Aloca*, meu, fiquei desnortado. Eu achava tudo lindo, um monte de homem, e quando a gente é novinho, a gente faz o maior sucesso, né? Incrível! (risos)

E – E foi aí que você começou a usar drogas?

V – Droga mesmo, ilegal, foi sim. Quer dizer, maconha... foi aí que vi alguém fumando pela primeira vez, já achei isso, foda, sabe? A maior transgressão (risos) – bobo, né? na época, fiquei até preocupado, sei lá, se viesse polícia, se as pessoas ficassem violentas, quis ir embora até, mas a minha amiga não deixou, falou que era assim mesmo, que tinha que me jogar.

E – E foi lá que você fumou pela primeira vez?

V – Não, não foi. Foi com essa amiga mesmo, a Carol, mas foi em outro lugar. Mas eu não gostei muito de maconha. Hoje eu fumo todo dia, mas nessa fase eu não curtia... até fumava, quando aparecia, mas não era nada demais, eu gostava era de beber mesmo e padê, padê eu me joguei forte. Eu esperava a semana toda pra ir pr'*Aloca* cheirar [...] depois de um tempo, eu contava os dias, louca da buceta, pra chegar quinta e eu vir pra cá cheirar. Eu já saía do colégio, com uniforme e algumas roupas, pra Panamericana, e voltava só no domingo [...]. Eu tinha o que? Uns 16 anos, por aí.

E – E como você fazia pra tomar banho, dormir?

V – Ah, tomava banho na escola, na Panamericana. Quando conseguia a casa de alguém pra ficar, um dois dias, pra dormir e tal, mas várias vezes fiquei por aí mesmo, numa praça, num SESC, a noite eu passava cheirando n'*Aloca*.

[...]

E – E você já comprava? Já sabia onde comprar?

V – Ah, sempre foi que é hoje, dava pra comprar fácil por aqui, mas eu não comprava, sempre conseguia com alguém, algum amigo da balada, quando eu não conhecia ninguém, ficava no banheiro, observando, aí eu colava na pessoa, O pessoal não negava, não. Era fácil conseguir.

Com LSD e ecstasy ela considera que tinha experiências mais intensas, em que perdia totalmente o controle. Em uma noite, tomou ecstasy em uma “balada” de São Paulo com o mesmo grupo de amigos. Começou a “bater” quando ela ainda estava no carro, quando chegou no local já estava completamente “louca”. Já dentro da casa, depois de terem “fritado” muito resolveram que iriam fumar um cigarro de maconha, para baixar um pouco a “brisa da bala”, foram fumar no fundo da pista e foram denunciados a um segurança que veio na direção deles no momento em que Laura deixou o “beque” cair no chão. Laura estava no chão, olhava para o cigarro de maconha que se abrira ao cair e tentava enrolar o que restara quando o segurança apontou uma lanterna em seu rosto. Ela estava “tão louca” que sua reação não foi de se esconder ou pedir desculpas, apenas olhava para o segurança e lhe perguntava o que fazer, mostrando-lhe os farelos de maconha misturados com poeira e cabelo.

As encenações de personagens também foram levadas a outros patamares, com essas

novas substâncias. Laura costumava ser Elza, empregada cleptomaniaca de Madame Shirley, quando tomou LSD pela primeira vez experimentou maior “verdade cênica” ao encená-la: pela primeira vez que ela de fato virou negra. Ela lembra que estava ouvindo a música “Eu sou Neguinha” do Caetano Veloso quando virou para um amigo, Sérgio, e disse, já como Elza (ao passo que ele ao perceber-lhe a mudança também já se fez Madame Shirley): “Olha pra mim, eu sou Elza, sou mesmo, sou negra!”, “Claro que é, meu amor, me traz um whiskinho, vai linda”, seu amigo respondeu. Laura então reiterou: “Não estou brincando, eu sou negra mesmo, olhe!”. Mostrou-lhe os braços, o que fez amigo tomar um susto. Sem que ela pudesse me explicar como isso pôde acontecer, Laura me garantiu que seu amigo também a via como negra: “É mesmo, você é minha empregada, negra, africana... Mexe, mexe esse bundão pra mim, vai!”. Foi uma experiência emocionante mas depois abraçou esse amigo e os dois começaram a chorar, enquanto isso, Sérgio repetia em seu ouvido: “Você é negra, amiga. Neguinha! Era só isso que te faltava, agora você é tudo porque é negra também, agora você é perfeita!”.

Antes de prosseguir o argumento, farei alguns comentários acerca da categoria “loucura”, que foi utilizada várias vezes acima. Como já deve ter ficado claro, esse termo é utilizado por meus interlocutores para descrever o tipo de experiência que é acessada por meio do consumo de substâncias psicoativas, de modo que aquele que passa por tal experiência é chamado de “louco”. Conquanto “loucura” e “louco(a)” se refiram à relação que, num dado evento, se entretém com as drogas, vemos também nos exemplos acima que muitos outros elementos concorrem para a sua instauração. Vídeos do *Youtube*, músicas de artistas apreciados pelo grupo, imitação de personagens da cultura de massa ou encenação de personagens influenciados por estes, o consumo de serviços de lazer noturno, além de outros elementos que figuram nos eventos de maneira inesperada, como foi o caso do segurança que apontou a lanterna para Laura. Nesse sentido, a “loucura” é um dos atributos a partir dos quais essas pessoas elaboram um estilo de vida. Como escreve Featherstone:

Os novos heróis da cultura de consumo, em vez de adotarem um estilo de vida de maneira irrefletida, perante tradição ou ao hábito, transformam o estilo num projeto de vida e manifestam sua individualidade e senso de estilo na especificidade dos conjuntos de bens, roupas, práticas, experiências, aparências e disposições corporais destinados a compor um estilo de vida. (Featherstone, 1995, p.123).

Notem que, nesse ponto, dizemos que é a “loucura” que ajuda a compor um estilo e não

os psicoativos em si. Nossa intenção é apontar para o fato de que a atenção de meus interlocutores, como pude observar nas situações de consumo que presenciei, se volta sobretudo para o modo como a ingestão dessas substâncias altera os corpos uns dos outros, de modo que acreditamos que o uso que os indivíduos fazem dessas substâncias ajudam-nos a se apresentar como pessoa uns perante aos outros. Diferentes imagens ilustram essa colocação: Vitor dormindo em locais públicos do centro, a percepção de Laura e Sérgio de que a primeira tinha virado negra e Paula, com os olhos esbugalhados, olhando em direção ao segurança da balada e lamentando pela maconha que havia se esparramado. Nesse sentido, consideramos que o consumo de psicoativos pode ser descrito como componente de uma “estética da existência”, que Michel Foucault conceitua no segundo volume de sua *História da Sexualidade* como

práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo” (Foucault, 2010,p.17-8).

Tal qual tratado em *Vigiar e Punir* e na *Vontade de Saber*, todo sujeito é sempre resultado de repressão. Foucault justifica sua virada para os gregos, no último período de sua obra, pois é na reflexão moral da idade clássica grega que ele localiza o momento onde começa a ser esboçado, no pensamento ocidental, os contornos de um “sujeito do desejo”. Mais especificamente, em torno do conjunto difuso de prescrições morais no que dizia respeito às práticas sexuais, ele observa a elaboração de princípios formais a serem atendidos na ação para que “o indivíduo que age, [...] oper[e] não simplesmente como agente, mas sim como *sujeito moral* dessa ação” (p.34 – grifo meu). Em outras palavras, Foucault tenta colocar em funcionamento nessa obra, com o auxílio da experiência moral grega, um esquema conceitual que o permita descrever como a partir de discursos e técnicas que auxiliam na condução de si foi possível, na Antiguidade Clássica, a concepção de um sujeito que não se confunde com suas ações e com os objetos dela.

Diferente do que fizera em *Vigiar e Punir* e no primeiro volume da *H.S.*, no segundo volume dessa obra ele tenta formular a operação de convergência entre as formas do mundo e os enunciados provenientes dos campos de saber não por meio da intromissão de um poder que atua sobre os indivíduos *de fora*, mas sim pela atuação do próprio indivíduo que ao cuidar de si, *produz* as formas corporais segundo as quais seu valor

interno será julgado, tais formas tanto metaforizam quanto se espelham nos modelos formais fornecidos pela vida doméstica (relação com a esposa) e pela vida civil (relação com os homens livres).

É sobretudo no caráter estético da apresentação de valores que gostaria de me ater. Mais especificamente, me atendo à operação intelectual, característica do regime de conhecimento antigo, que percebe nas formas corporais tidas como belas a evidência de que um determinado trabalho interior, moralmente valorizado, fora realizado. Nas palavras do autor:

“Deve-se entender com isso uma *maneira de viver* cujo valor moral não está em sua conformidade a um código de comportamento nem em um trabalho de purificação, mas depende de *certas formas*, ou melhor, certos *princípios formais gerais* no uso dos prazeres, na distribuição que deles se faz, nos limites que se observa, na hierarquia que se respeita. Pelo *logos*, pela razão e pela relação com o verdadeiro que a governa, tal vida inscreve-se na *manutenção ou reprodução de uma ordem ontológica*; e, por outro lado, recebe o brilho de uma *beleza manifesta aos olhos daqueles que podem contemplá-la ou guardá-la na memória*. Essa existência temperante, cuja medida fundamentada na verdade, é ao mesmo tempo *respeito de uma ordem ontológica e perfil de uma beleza visível...*” (Idem, p.110 – grifos meus).

Dessa forma, as imagens corporais produzidas pelo consumo de psicoativos, ao comporem os estilos com os quais esses indivíduos se apresentam no espaço público, elas são formas à valores por meio dos quais esses indivíduos operam como sujeitos morais. Talvez mais importante do que essa consideração, seja atentar para o fato de que, em relação ao consumo dessas substâncias, no que diz respeito à produção de “loucura”, é possível assinalar uma determinada orientação das ações desses indivíduos que é marcada pelo exagero, pela busca de “mais loucura”, o que, em alguns casos chegou a ser vivenciado como ansiedade. Vontade de uma maconha mais forte, de misturar maconha com vodca, com whisky. Vontade de experimentar o “doce” de que tanto se falava, de conseguir um “pó bom”, deixar de depender das “porcarias” que se vende na Augusta e nas “bocas”. Vontade de conseguir também uma maconha melhor, mais cheirosa, mais verdinha. Vontade de experimentar haxixe, skank. E quanto maior abuso evidenciado pelo modo como alguém se porta, mais bela será sua performance aos olhos da audiência de amigos.

Ainda que possa parecer paradoxal, gostaria aqui de sugerir que essa conduta marcada pelo exagero, pela busca de experiências cada vez mais intensas concorre para a apresentação de si como “pessoa responsável”. Um trecho da entrevista que realizei com Éric expressa esse ponto, vejamos:

E – Você acha que ter tido acesso às drogas teve algum impacto na sua personalidade?

Er – Hmm... Não sei se é bem por aí. Sei lá, pode até ter tido, mas pra mim é o discurso do Traipotting, tá ligado? É uma questão de defesa psíquica, uma barreira mesmo.

E – Você acha tem a ver com uma fragilidade, uma dificuldade ou medo de enfrentar o mundo?

Er – Não, não acho que seja isso. É simples, cara! O mundo fica melhor assim, é melhor sair e andar por aí... acordar e fumar um beque, o dia já fica mais agradável, já tem alguma coisa. Isso que quem é careta não entende, acha que é doença, imaturidade, mas é só pra tornar viver melhor, pra conseguir habitar essa cidade, né?

E – Mas o que tem de errado aqui, você tá de bode de São Paulo?

Er – Ah, meu. Tá tudo errado, né? Mas agora mesmo o que me desilude é esse mercado de trabalho. Tipo, não faz sentido você ter que trabalhar oito horas todos os dias, é esse tempo todo em que você não é você... que você é, sei lá, qualquer coisa, um número, uma máquina da empresa... Enfim... as vezes penso que tem um problema comigo, porque eu não consigo parar em emprego nenhum, eu não aguento, eu vou me irritando com as pessoas, com o lugar... até que eu não consigo sair da cama, me recuso [...] Quando você toma droga, fuma um beque, você pode ser você mesmo, quer dizer, pode pensar nas suas coisas. Por isso que eu falo que é defesa psíquica, entende? Porque sem um lugar seu, a gente não aguenta, a gente surta mesmo, não tem como.

A noção de autenticidade ligada ao consumo de psicoativos, como aparece nesse diálogo, é o primeiro ponto que suporta nossa hipótese de que a noção de responsabilidade é um dos resultados da relação que tais pessoas entretêm com as drogas. Em outras palavras, esses atos corporais subversivos, que contradizem os valores que lhes foram passados por suas famílias de classe média, são tomados por meus interlocutores como meio de manter a saúde mental e, dessa forma, é sinal da responsabilidade que têm consigo próprios. Tal como Luiz Fernando Dias Duarte (1994) observou acerca dos problemas de “nervos” entre as classe trabalhadoras, essa maneira de pensar a relação que se tem com os psicoativos também implica em uma ampliação da noção de saúde mental. A seguir, tratamos do segundo ponto em que essa noção é explicitada.

3 – Maconheiros (as).

Laura comenta:

A maconha é a minha droga. Desde a primeira vez que experimentei eu saquei isso. É maravilhoso isso, pra mim sempre pareceu como uma coisa que foi feita pra mim, você entende?... Fico louca, me divirto... ainda tem o soninho gostoso depois, achava o máximo capotar e dormir como um anjo e no dia seguinte não tem bad, ressaca [...] Álcool sempre acabou comigo, me deixa péssima, sempre me arrependo quando exagero. Desde que eu comecei a beber toda a vez que dou PT eu juro que nunca mais coloco pinga na minha boca.

No momento atual de suas trajetórias, a maior parte de meus interlocutores consome

com frequência apenas a *cannabis* e a cocaína é a substância mais polêmica. Muitos dos entrevistados são críticos ferrenhos desse produto. Gil, 32 anos, diz ter percebido logo que essa substância poderia complicar-lhe a vida. Em sua opinião, ainda que a pessoa consiga manter o “bom senso”, a quantidade de dinheiro necessária para manter o hábito já faz a prática não valer a pena.

Guilherme, que hoje tem 35 anos, passou seis anos (2004 – 2009) consumindo cocaína quase que diariamente. Depois de sucessivas tentativas frustradas de interromper o uso, ele conseguiu depois que conheceu Sérgio, com quem hoje é casado. Este interlocutor diz não gostar de lembrar desse período, afirma que ainda faz pouco tempo que ele consegue pensar nele sem sentir culpa e vergonha.

Laura, por sua vez, passou apenas seis meses cheirando diariamente, mas não chega a sofrer por causa de período, pois considera ter parado no momento certo. Segundo ela, foi uma ferida em seu nariz, a qual demorou mais de um mês para fechar, que a fez parar de usar, pois a fez ficar com nojo do hábito. No caso dessa interlocutora, ela diz já ter se arrependido do período final de sua graduação, quando sua relação com a maconha estava fora de controle; ela considera que nesse período consumia LSD, *ecstasy* e álcool demais também. Tendo ido várias vezes chapada para o trabalho e para a faculdade.

Poucos meses depois de ter iniciado seu namoro com Sérgio, Guilherme parou de usar cocaína e, aos poucos, passou a substituí-la por maconha, o psicoativo que Sérgio já consumia diariamente há mais de quatro anos. Um dos eventos que marcaram essa transição foi a dificuldade de ter uma ereção em um dos primeiros encontros com seu atual marido. Segundo ele, essa situação deixou claro que a cocaína já não lhe trazia qualquer benefício, em suas palavras:

Eu estava lá, com um cara por quem eu estava me apaixonando, e meu pau não subia por causa do tanto de pó que eu tinha cheirado, no dia inteiro. Aquilo me deixou tão puto, me senti um lixo. Isso já me atormentava, eu já via que não aguentaria por mais tempo, já tinha noção de que eu estava estragando tudo [...] Ali eu só pensei que não queria perder mais essa oportunidade... essa pessoa [...]. Estava na hora de parar, entende?

No caso de Laura, a cocaína chegou a conquistá-la logo que foi conhecida, mas rapidamente teve nojo e não quis mais “cheirar”. LSD e *ecstasy* ela continuou usando por mais dois anos depois de interromper com a cocaína. Ao longo de 2008, consumiu essas substâncias mais fortes com uma média de duas ou três vezes por mês. Resolveu

parar depois de uma “*bad*” em uma festa na França; nessa ocasião ela tomou dois comprimidos de ecstasy e mais um papel de ácido. A combinação acabou não sendo feliz e ela passou por uma ataque de pânico que a paralisou por mais de uma hora, fazendo-a sentir que morreria. Depois dessa experiência, decidiu nunca mais consumir nenhum psicoativo, nem maconha nem álcool, mas três meses depois do acontecido ela voltou a consumir essas duas substâncias.

Não é meu interesse aqui defender que a maconha é uma substância que não causa danos ou mesmo que seus danos são menores quando comparados com os da cocaína. Mais importante aqui é assinalar que essa é a percepção da maior parte de meus interlocutores e que, dessa forma, a escolha por consumir apenas maconha, por si só, faz com que a pessoa apareça como responsável, o que em algumas situações é mobilizado como forma de diferenciar as pessoas que compõem as redes de amizade.

Em um momento, anos atrás quando se encontraram pela primeira vez com as substâncias, e a primeira a ser encontrada em todos os casos foi o álcool, foi preciso “fazer a cabeça”, “abri-la”, o que correspondeu a perder certos vínculos com o corpo tal qual habitado no contexto cultural das famílias de classe média urbana em que foram criados: eles começaram a “estragá-lo”. No momento seguinte, aqueles em que se viram aproximando-se ou dentro mesmo de um “buraco”, constataram que precisavam “ter cabeça”, a “cabeça feita/aberta” apareceu como inadequada, embora seja ainda no momento presente, em que realizo minha pesquisa, mobilizada como elemento que os diferencia de seus colegas de trabalho e membros da família, por exemplo. Assim, outro ato apareceu como necessário: precisaram unir a “cabeça feita” com “A' cabeça” e, talvez mais importante, foi preciso possuí-la. Entre meus interlocutores, percebo que a figura do(a) “maconheiro(a)”, quando se tem em vista o conjunto das drogas que já foram consumidas, ilustra bem a realização dessa segunda operação. Nossa hipótese é que por meio desta operação, meus interlocutores elaboram critérios segundo os quais avaliam suas trajetórias como consumidores de psicoativos.

Essas mudanças de padrão de consumo nos casos analisados se deram coincidentemente a outros marcadores de transição no curso da vida, como o término do ensino superior e inserção no mercado de trabalho. A constatação de que se é um corpo impossível, ou de que se está no caminho de torná-lo impossível, se deu em muitos casos concomitantemente com dúvidas quanto a atuação profissional, ao rumo que se daria na

vida. Laura resolveu diminuir o consumo de maconha e parar com substâncias mais pesadas, LSD e ecstasy, em meio a uma crise em que ela não sabia se seguiria mesmo a carreira de nutricionista, para a qual acabara de se graduar. No caso de Guilherme, o momento de mudança esteve associado ao começo de namoros que se tornariam mais sérios, em que as pessoas passaram a morar juntas. Foram citadas também preocupações com a saúde e a beleza.

Neste artigo, não precisaremos as causas que estiveram associadas às decisões que levaram às transformações dos padrões de consumo, também não refletiremos sobre os significados dos vínculos apontados acima (relacionamento, emprego, faculdade, etc) tendo em vista que eles deslocaram os vínculos estabelecidos com os psicoativos. Nossa proposta aqui é apenas apontar que vemos nessas ações a exploração de estilos a partir dos quais essas pessoas se apresentam no espaço social e não somente a submissão desses sujeitos aos ditames biológicos do “discurso médico” (Fiore, 2007).

No item anterior mostrei o modo como o exagero nas experiências com psicoativos evidencia o cuidado que meus interlocutores tem consigo próprios, o que nos levou a considerar que eles lidam com um conceito ampliado de saúde. Nesse item, mostrei uma mudança de comportamento e a seleção de uma droga como segura, o que reitera a responsabilidade da pessoa. Para terminar essa comunicação, quero me aproximar das situações de consumo de maconha. Neste movimento, minha intenção é explorar o potencial heurístico das formas que cercam tal consumo no que diz respeito à construção dessa noção de responsabilidade, em relação a qual acredito que meus interlocutores moldam suas subjetividades.

4 – Rituais

Nos últimos quatro anos, Vitor fumou maconha praticamente todos os dias. Seu padrão de consumo atual é de dois cigarros de maconha por dia, enrolados com a seda *Smocking* prata de tamanho grande ou *Pure Hemp* de tamanho médio. Ele enrola um dos baseados logo depois do horário do almoço de seu emprego, o qual é fumado em duas etapas: uma metade depois do almoço e a outra depois das 18h, quando termina seu expediente. O segundo “baseado” ele enrola exatamente às 1h30 – ele tem um alarme em seu celular que o avisa que é chegado esse momento. Este é o que ele chama de “sonífero”, já que faz parte de seu ritual para dormir – o que para ele sempre foi

difícil, devido a sua ansiedade. Ele fuma metade deste cigarro e assiste a um episódio de seriado americano em seu computador. Nesse processo ele consegue desligar dos problemas cotidianos e pegar no sono, normalmente antes do episódio chegar ao fim. A outra metade ele guarda para fumar no dia seguinte, depois do café da manhã, enquanto dirige de casa para o seu local de trabalho.

Para a produção do “baseado” que fumará depois do almoço, ele carrega consigo sua “latinha de maconha” (**Figura 1**), a qual ele ganhou como brinde em uma promoção da marca de cigarros *Free*, de que participou apenas para conseguir a lata, já que só consegue fumar cigarros de cor vermelha da marca *Malboro*. Seu *kit* é composto por dois pacotes de seda, a cinza para enrolar beques maiores e a *Pure Hemp* de tamanho médio, que utiliza para enrolar o “sonífero”. A latinha traz também um triturador de cor preta e bem fino que é utilizado para transformar a maconha prensada em pequenos pedaços, o que é necessário para que seja fumada. Esse instrumento é assim tão fino pois foi reformado por Vitor. O triturador comprado tinha o formato de uma bola de bilhar, Vitor preferiu tirar o entorno dos dentes para que o triturador coubesse na caixa e também para deixar a peça mais exclusiva e mais *clean*. O cartão telefônico que aparece na imagem serve para arrumar a maconha triturada na seda de modo a facilitar o fechamento desta ao redor da erva. Por fim, integram o seu *kit* um pedaço de arame, que ele obteve desenrolando um clipe de papel, utilizado para “pillar” o “baseado”, isto é, para ajustá-lo dentro do papel, depois que o cigarro já foi selado, e também um recipiente plástico de formato oval e de cor vermelha em que ele guarda as “pontas”, isto é, restos de cigarros interrompidos nos pontos em que se tornou desagradável fumá-los.

Essas informações foram coletadas em uma reunião na casa de Sérgio e Guilherme. A informação de que Vitor fuma apenas um “beque” e meio por dia deixou o casal um pouco surpreso, já que eles consomem por volta de oito por dia, ou seja, individualmente, cada um deles fuma quatro “baseados” por dia. “Olha, Gui. Vê que absurdo?”, diz Sérgio a seu namorado, que o olha com feição de surpresa. Sérgio completa, trocando olhares também com Vitor e comigo: “É bom a gente ouvir isso, *Honey*. Para ter parâmetros.” “Nossa, a gente fuma demais mesmo, né? Precisa se ligar!”, Guilherme comenta. Ainda que considerem o consumo que andam fazendo de maconha exagerado, por um lado, como já disse, ele é percebido como menos danoso

do que o de cocaína, tal qual era feito por Guilherme há alguns anos. Por outro, esse exagero é tão metódico quanto os rituais de Vitor.

O casal acorda quase todos os dias por volta das 8h. Enquanto Guilherme toma banho, Sérgio começa os preparativos para o café da manhã. Assim que o primeiro vem para a cozinha, já traz consigo a *necessaire* (**Figura 2**) que tem a mesma finalidade da latinha de Vitor. Ao sentar à mesa, já inicia a confecção do primeiro “baseado” do dia enquanto conversa com seu marido, que continua ocupado com os preparativos para o café. Na imagem do *kit* do casal, vemos que a “paranga”, que é comprada uma vez por semana, aparece dividida em vários pedaços, que são embrulhados separadamente em papel filme. Cada um desses embrulhos corresponde à quantidade que será consumida ao longo de um dia pelos dois – como consideram que estão fumando demais, como observei na reunião mencionada acima, elaboraram esse mecanismo para racionalizar o produto.

Figura 1 – Latinha de Vitor



Figura 2 – Necessaire de Sérgio e Guilherme



Guilherme enrola de uma só vez três cigarros de maconha os quais tem o comprimento e o diâmetro similares aos de um cigarro de tabaco. O primeiro é consumido logo depois do café ser servido. Os outros dois “baseados”, Guilherme leva consigo para o escritório em que trabalha. Um deles será fumado na hora do almoço – ele fuma metade antes e a outra metade depois da refeição; o terceiro cigarro será fumado no caminho de volta para casa, no trânsito. Às vezes, em dias mais estressantes, ele fuma parte deste último beque no meio do dia: ele sai do prédio e dá a volta no quarteirão para fumar e, na sequência, volta ao trabalho mais relaxado.

Sérgio, por sua vez, depois do “baseado” que fuma com seu marido, diz fumar uma ou duas pontas ao longo do dia – depois do almoço e no meio da tarde. Ele diz que raramente enrola um outro cigarro para fumar sozinho enquanto seu marido está no trabalho; dessa forma, o próximo “beque” inteiro que fuma é quando Guilherme chega em casa, normalmente por volta das 19h ou 20h. Assim que se reencontram, os dois sentam-se na sala ou na cozinha para conversar sobre, enquanto Guilherme já alcança a *necessaire* e começa os preparativos para mais um “beque”, que será fumado antes do jantar. Depois do jantar, entre 0h e 1h, já no quarto, depois de todos os preparativos para dormir, fumam o último baseado do dia – o que é normalmente acompanhado de leite com chocolate ou de chá. Assistem a um filme ou a um episódio de seriado e dormem, assim como Vitor.

Com esses comentários acerca dos rituais de consumo e dos acessórios e instrumentos com os quais Vitor, Sérgio e Guilherme interagem diariamente devido ao hábito de fumar maconha pretendo assinalar o terceiro ponto de vista a partir do qual tais práticas expressam responsabilidade entre meus interlocutores.

Tendo em vista toda essa rotina, podemos dizer que existe um esforço por parte dessas pessoas para manterem tais práticas. Sérgio explicita bem essa noção, em entrevista ele afirmou:

Porque quem fala que droga é fuga, não sabe mesmo do babado. Quando você começa a usar todo dia que nem a gente faz, é um problema que você está bancando... eu sempre falo isso.

Eles se esforçam por manter os horários e as quantidades que consomem. Frequentemente, quando se encontram, comentam e comparam os rituais pessoais de uns e de outros. Sérgio e Guilherme, que moram juntos, também se diferenciam pelo

consumo que cada um fez, sendo que Sérgio se considera mais controlado do que o marido, já que consegue fumar apenas uma ponta ao final da tarde, enquanto Guilherme fuma um inteiro na hora do almoço e mais outro no trânsito, no caminho de volta para a casa. Os dois entram em atrito também quando um ou outro não organiza a *necessaire* da maneira adequada depois de tê-la utilizado. Nesse sentido, acredito que além das quantidades consumidas por dia, outro ponto importante de comparação entre os consumidores de maconha dessa rede de amigos diz respeito à organização com que é mantido o “*kit* de maconha” de cada um.

Esses *kit* são utilizados para organizar os objetos e também para mantê-los escondidos de pessoas que eventualmente aparecem nos espaços desses interlocutores – no caso de Sérgio e Guilherme, o apartamento e, no de Vitor, seu quarto – e que não podem saber que ali ocorrem tais práticas. Nos momentos em que amigos que também são maconheiros aparecem para uma visita, os *kits* rapidamente aparecem nas mãos dos anfitriões. Esse modo de proceder faz parte das boas vindas que é dada ao convidado. Além disso, a composição e organização dos *kits* demandam dedicação e reflexão por parte desses indivíduos, de modo que mais de uma vez os observei dizerem-se orgulhosos por disporem desses esforços. Ao serem constantemente apresentadas aos amigos, acreditamos que, juntamente às boas vindas, esses objetos comunicam também o cuidado dispendido pela pessoa para com esse hábito valorizado.

Tendo em vista a postura mais exagerada em relação aos psicoativos que essas pessoas entretiveram nos primeiros anos de suas trajetórias, sugerimos que esses objetos comunicam também a responsabilidade que seus donos tiveram quando decidiram alterar seu estilo de vida. As imagens desses objetos contrastam com as imagens de Vitor dormindo pelos espaços públicos de São Paulo, depois de ter se acabado na *Aloca* na noite anterior; contrastam também com a imagem de Guilherme que passava dias sem dormir, sem comer, sem tomar banho, e usava quase todo o dinheiro que ganhava para comprar cocaína. Como já afirmei, ter se tornado um “maconheiro”, nos limites da rede de amigos que investigo, é reconhecido como evidência de responsabilidade da pessoa, isto é, de que a pessoa “tem cabeça”. Os cuidados com os objetos na organização desses kits ressoa os cuidado consigo próprios que tiveram quando decidiram passar por essa transição e que ainda têm quando buscam constantemente ritualizar o uso que fazem da maconha, o que está de acordo também com demais

procedimentos adotados para a manutenção da saúde.

Nesse sentido, sugerimos que a cabeça que se perde e em sequência se possui e o *kit* que se organiza são todos emblemas dessa responsabilidade em relação a qual, ainda que de forma incipiente, esses indivíduos moldam suas subjetividades.

5 – Considerações Finais

Desde a publicação de *Vigiar e Punir* (2001), a certeza construcionista de que há elementos naturais – corpos e substâncias psicoativas – os quais são apenas significados e treinados pelas forças sociais vem sendo colocada em cheque. A partir das problematizações de sua obra, uma série de outros autores, como Judith Butler (2003), especificamente em relação aos problemas de gênero, Bruno Latour (1994), em relação aos estudos de ciência e Marilyn Strathern (1992), na interface entre tecnologia e parentesco, vêm se esforçando para formular um léxico conceitual para diminuir o fosso que separa os fenômenos que normalmente temos como naturais daqueles que chamamos de sociais. Em poucas palavras, busca-se uma reflexão em que as noções comumente aceitas acerca da passividade dos objetos (naturais) e da autodeterminação dos sujeitos culturais sejam subvertidas e que lhes sejam conferido o mesmo estatuto ontológico.

Nosso objetivo aqui foi o de mostrar o modo como estudos sobre consumo de substâncias psicoativas oferecem um rico campo de problematizações que pode auxiliar a operacionalizar essas questões centrais que animam o debate antropológico. O que tentamos fazer na apresentação dos dados foi tensionar as fronteiras entre natureza e cultura e entre sujeitos e objetos, mostrando o modo como a ação das substâncias nos corpos, conquanto seja uma relação farmacológica, opera entre as redes de amizades como emblemas de qualidades pessoais dos amigos que interagem. Os objetos e rituais que cercam o consumo da substância que consideram mais segura, a *cannabis*, também concorrem para apresentar esses sujeitos na chave da responsabilidade. Nesse sentido, fica claro que a produção de subjetividades se dá sempre em interação com o meio social, o qual não resume aos humanos, mas também abrangem objetos consumidos e técnicas elaboradas para a utilização deles. Portanto, acreditamos que a sedimentação dessas ideias pode ser uma importante contribuição dos estudos de consumo para a teoria antropológica como um todo.

6 – Referência Bibliográfica

- BECKER, Howard. *Outsiders – Studies in the Sociology of Deviance*. New York: The Free Press, 1973.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, 2003.
- DUARTE, Luiz F.D. “A Outra Saúde Mental: mental, psicossocial, físico-moral”. In: Alves, P.C. et. al. (orgs.). *Saúde e Doença: Um olhar antropológico*. Rio de Janeiro : Editora FIOCRUZ, 1994.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- IORE, Maurício. *Uso de “Drogas”: Controvérsias Médicas e Debate Público*. São Paulo: Mercado de Letras, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.
- SHINER, M. *Drug Use and Social Change – The distortion of history*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.
- SOUTH, N. “Debating drugs and everyday life: nomalisation, prohibition and ‘otherness’” in SOUTH, N. (org.). *Drugs: cultures, controls and everyday life*. Londres, Sage Publications, 2000.
- STRATHERN, Marylin. *After Nature: English Kinship in the Late Twentieth Century*. Cambridge: Cambridge Un. Press, 1992.
- VARGAS, Eduardo V. *Entre a extensão e a intensidade: Corporalidade, subjetivação e uso de “drogas”*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. (Tese de doutorado)